



Estado da Paraíba
Câmara Municipal de Campina Grande
Casa Félix Araújo

50

PROJETO DE LEI 107/2009

Em 15 de 06 de 2009

AUTOR; Ver. Olímpio Oliveira

Ementa Denomina de João Carga D'Água uma das novas ruas do nosso Município e dá outras providências.

Distribuição

a Comissão de Redação e Justiça
para parecer

S.S. Câmara Municipal 17 de 06 de 2009

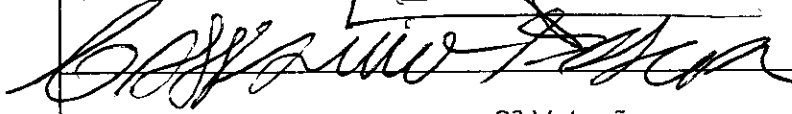
 Presidente

 Secretário

1ª Votação

Aprovado em Sessão de 01 de 09 de 2009

 Presidente

 Secretário

2ª Votação

Aprovado em Sessão de 01 de 09 de 2009

 Presidente

 Secretário

Redação Final

Aprovado em Sessão de _____ de _____ de _____

Presidente

Secretário



ESTADO DA PARAIBA
Câmara Municipal de Campina Grande
"Casa de Félix Araújo"
GABINETE DO VEREADOR OLÍMPIO OLIVEIRA

Projeto de Lei nº 107 /09 Campina Grande, 11 de junho de 2009.

Câmara Municipal de Campina Grande

RECEBIDO

Em 15/06/09 às 15:40hs


ASSINATURA

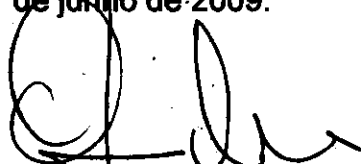
EMENTA: Denomina de **JOÃO CARGA D'AGUA** uma das novas ruas do nosso Município e dá outras providências.

Art. 1º - Fica denominada de **JOÃO CARGA D'AGUA** uma das novas ruas do nosso Município.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Ficam revogadas as disposições em contrário

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Campina Grande – Casa de Félix Araújo – em 11 de junho de 2009.


OLÍMPIO OLIVEIRA
Vereador do PMDB





ESTADO DA PARAIBA
Câmara Municipal de Campina Grande
"Casa de Félix Araújo"
GABINETE DO VEREADOR OLÍMPIO OLIVEIRA

JUSTIFICATIVA

O médico campinense, Dr. Adhemar Dantas, ao escrever o artigo "Mergulhando na História", publicado no *Jornal da Paraíba*, na seção "Um tema para debate", na edição do dia 06/04/1997 (cópia em apenso), acendeu uma percuciente discussão a respeito da importância política do papel desempenhado pelo líder da **Revolta do Quebra-Quilos (1874)**, o João Vieira, conhecido pelo codinome de **João Carga d'Água**, olvidada ainda hoje nos meios acadêmicos e pouco discutida na cidade.

Ensina-nos o Dr. Adhemar Dantas que João Carga d'Água era um "NEGRO" que carregava água com sua tropa de burros, a partir do Açude Velho, enchendo os potes das residências para o consumo diário.

Talvez por ser negro, pobre e nordestino, as narrativas sobre a sua atuação na Revolta do Quebra-Quilos comprometem a sua reputação e passam a impressão de que ele liderava um bando de desordeiros, ao invés de um grupo de homens e mulheres que, conscientemente, se rebelavam contra leis e impostos injustos decretados pelo Governo. Senão vejamos o relato sobre a História de Campina Grande, que encontramos na conceituada **Wikipédia** <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Campina_Grande>, a mais completa enciclopédia da Rede Mundial de Computadores:

"Em 1874, foi deflagrada a insurreição dos Quebra-Quilos, liderada por João Vieira (João Carga d'Água). Descendo a serra de Bodopitá, João Vieira e os demais revoltos invadiram a feira da cidade, quebrando as medidas (caixas de um e cinco litros) que eram concedidas pelo município aos feirantes e jogaram os pesos no Açude Velho. A revolta foi tão generalizada, que não somente se alongou para outras cidades do Brejo e do Cariri, como também extrapou as fronteiras do estado, chegando a Pernambuco e até Alagoas.

Após o incidente, os policiais abusaram da população sem motivo, prendendo ou espancando campinenses inocentes e até ilustres. Assim, os campinenses sofreram por conta de João Carga d'Água e seus Quebra-Quilos." Grifo nosso.

Leiamos agora a versão sobre o mesmo fato histórico, no relato do Dr. Adhemar Dantas, que corrige e omissão carregada de preconceito do texto retro citado:

"João Carga d'Água assumiria a liderança do movimento denominado Quebra-Quilo que, vindo da serra de Bodopitá, onde hoje é Fagundes, espalhou-se pelo Brejo e acendeu um farol, que ainda hoje perdura, chamado liberdade, apesar de todas as opressões. Escrevi um dístico para seu túmulo, (...): "João Carga d'Água, o maior herói do Quebra-Quilo: atirou uma rapadura e acendeu um sol".

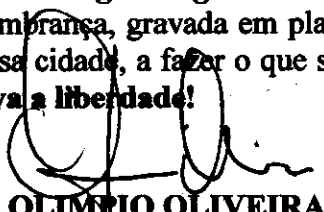




ESTADO DA PARAIBA
Câmara Municipal de Campina Grande
"Casa de Félix Araújo"
GABINETE DO VEREADOR OLÍMPIO OLIVEIRA

O presente projeto tem por escopo o resgate de tão importante herói, genuinamente nosso, campinense, nascido no então Distrito de Fagundes. É uma homenagem simples, mas de simbolismo inextinguível, ou seja, é uma tentativa de corrigir uma agressão histórica também relatada pelo Dr. Adhemar Dantas: "João Carga d'Água era nome de rua até ter a placa amassada a martelo por um alemão (estávamos em tempo nazista – "rua em que mora um ariano não tem nome de negro"); a rua que tinha seu nome, hoje é a Major Belmiro.

Por tudo que a história de **João Carga d'Água** nos inspira, nada mais justo do que perpetuar para sempre a sua lembrança, gravada em placa, num desses cruzamentos de uma das principais ruas de nossa cidade, a fazer o que sempre ele fez em vida, ou seja, **mostrar caminhos que nos leva a liberdade!**



OLÍMPIO OLIVEIRA
Vereador do PMDB



Mergulhando na História

Esta Campina que amo (sou filho adotivo, forasteiro como tantos outros), como qualquer cidade tem sua história. O cemitério é o espelho final onde os vultos estão contemplando o céu cheio de estrelas das noites silenciosas por cima do planalto; vultos que fizeram a história desta cidade e que hoje são, apenas, um nome gravado numa placa de bronze, Severino Cabral, Raimundo Asfora e tantos outros. Quando aqui cheguei, em 1938, vindo do Sertão, a viagem feita em cima de uma carga de algodão, o cami-nhão que só tinha um pneu traseiro em cada lado e rodava até a última lona, por medida de economia, eram tempos difíceis, tempos terríveis.

Afundando no tempo, lá está d. Francelina, filha ou neta de Cristiano Lauritzen, o dinamarquês que foi prefeito e que trouxe as pontas dos trilhos da estrada de ferro até aqui, em 1907, vindos de Itabaiana; d. Francelina, a pioneira que cedeu um galpão, onde hoje é o Colégio Alfredo Dantas, para que o teatro da cidade tivesse seu espaço físico e a quem deixo minhas primeiras flores quando de minhas visitas ao cemitério; João Carga d'Água, para quem deixo as flores seguintes, um negro que carregava água com sua tropa de burros, a partir de um Açude Velho ainda não poluído, enchendo os potes das residências para o consumo diário. Foi João Carga d'Água, uma figura imensa, não muito divulgado e compreendido na cidade (era nome de rua até ter a placa amassada a martelo por um alemão (estávamos em tempo nazista), "rua em que mora um ariano não tem nome de negro"); a rua que tinha seu nome hoje é a Major Belmiro.

Mas não foi só a Rua João Carga d'Água que mudou de nome através do tempo. Entre outras, a 4 de outubro, que hoje é Jovino do Ó, onde existia a Delegacia de Polícia e sua violência, sempre uma palmatória de jucá em cima da mesa do delegado; a João Alves de Oliveira, que construíra a rua que, com sua morte, levaria seu nome, hoje é Álvaro Gaudêncio e a família, de desgosto, retiraria seus restos mortais e abandonaria a cidade que ele tanto amou; a Rua da Areia hoje é João Pessoa, um exagero, já que também existe uma praça com o nome do grande Presidente; Rua da Floresta, Capa-Bode, Emboca, Beco dos Bebos e tantos nomes pitorescos que, como na Evocação do Recife de Bandeira, hoje são rua Dr. Fulano de Tal. Lá estavam os coqueiros de Zé Rodrigues, engolidos pelo Parque do Povo e seu Maior São João do Mundo; a Igreja do Rosário, destruída para descobrir o fundo do Cine Capitólio e é assim que as cidades não morrem: são destruídas aos pedaços.

João Carga d'Água assumiria a liderança do movimento denominado Quebra-Quilo que, vindo da Serra de Bodopitá, onde hoje é Fagundes, espraiou-se pelo Brejo e acendeu um farol, que ainda hoje perdura, chamado Liberdade, apesar de todas as opressões. Escrevi um dístico para seu túmulo, que Mário Carneiro transformou em placa: "João Carga d'Água, o maior herói do Quebra-Quilo: atirou uma rapadura e acendeu um sol". A rapadura foi na cara de um delegado.

Quando aqui cheguei, em 1938, a cidade não tinha espigões - o primeiro foi o Edifício Rique, construído pela família do mesmo nome, os ricos da cidade; a feira era em plena Rua Maciel Pinheiro, suas barracas, seus tipos populares, as geladas de gelo raspado e essência de frutas, seus doces de coco quebra-queixo; havia um jornal semanário - o Jornal da Borborema - levantado a tipos e eu, como tipógrafo, nele trabalhava, o professor Mauro Luna que escrevia com uma caligrafia terrível, tínhamos de adivinhar; o Mouco, um tipógrafo comunista que viera emprestado de "A União" de João Pessoa; Baby, um cego que por lá aparecia todos os dias; Zeca, o jornaleiro que mais tarde, com uma saudade imensa, encontrei pelo Calçadão da Cardoso Vieira, já velho e sempre pobre; Argemiro de Figueiredo era o governador que, quando caiu o jornal, também terminou, deixando-me desempregado e aí o jeito que encontrei foi me apresentar voluntariamente para ser soldado do 22º B.C., em João Pessoa, mas esta é outra história, muito além do tema que me deram, contar pedaços da história de Campina Grande, que li sobre ou pre-senciei, numa melancólica saudade mergulhada no tempo.

"O cemitério é o espelho final onde os vultos estão contemplando o céu"

ADHEMAR DANTAS, médico